

# Semana de Pedagogia e Encontro de Pesquisa em Educação de Maracaju

## EXPLORANDO O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: IMPACTOS NA FORMAÇÃO DO EDUCADOR

**MARCONATO, Larissa Azevedo**  
**08058223131@academicos.uems.br**  
**UEMS - UU Campo Grande**  
**GUERRA, Vera Lúcia**  
**veral@uems.br**  
**UEMS - UU Campo Grande**

### **Eixo 03 - Formação de Professores**

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Brincar. Estágio Curricular Supervisionado.

### **Introdução**

O presente relato de experiência retrata minhas percepções acerca do brincar na Educação Infantil – EI, durante e após a realização da disciplina de Estágio Curricular Supervisionado II, onde estive em contato com uma turma da faixa etária de 2 a 3 anos de idade, de uma Escola Municipal de Educação Infantil – EMEI, localizada em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Durante o estágio, passei por um período de observação da rotina das crianças e da instituição, e tive a oportunidade de aplicar atividades planejadas por mim, que serviram como critério de avaliação da disciplina.

Dessa maneira, o conteúdo deste relato traz uma discussão sobre o direito de brincar da criança na Educação Infantil, bem como minha experiência de docência na EMEI, juntamente com as minhas considerações sobre a relevância da reflexão sobre as práticas na EI no processo de formação do educador.

### **O brincar na Educação Infantil: Um direito inegociável**

Denominada como educação “pré-escolar”, a Educação Infantil, antes da promulgação da Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional - LDB, era entendida como uma educação preparatória, ou compensatória, para o Ensino Fundamental, desconsiderada como constituinte da educação formal e integrante da Educação Básica. Contudo, com a implementação da LDB, essa modalidade se inclui na

# Semana de Pedagogia e Encontro de Pesquisa em Educação de Maracaju

Educação Básica e em 2013 passa a ser obrigatória para crianças de 4 e 5 anos. Além disso, “com a inclusão da Educação Infantil na [Base Nacional Comum Curricular] BNCC, mais um importante passo é dado nesse processo histórico de sua integração ao conjunto da Educação Básica” (Brasil, 2017, p. 36).

As interações e a brincadeira precisam nortear as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular dessa modalidade, segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil - DCNEI (Brasil, 2010). Portanto, é necessário garantir à criança diversas experiências que ampliem seu conhecimento de mundo e de si; que estimule a curiosidade e a criatividade; que promova a interação com novas culturas; que valorize a participação coletiva; entre muitas outras, que devem ser trazidas nas práticas pedagógicas das instituições de forma integrada (Brasil, 2010).

Para mais, as DCNEI (Brasil, 2010, p. 12) colocam a definição de criança como sendo:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, **brinca**, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (grifo meu).

Contudo, de acordo com Kishimoto (2001, p. 7), “brinquedos e brincadeiras aparecem no discurso, mas na prática restringem-se ao recreio e momentos de transgressão das normas”, pois as práticas pedagógicas na Educação Infantil frequentemente focam nas atividades intelectuais, visando a aquisição de conhecimentos de números e letras, separando o brincar das atividades pedagógicas e destinando-o apenas aos momentos de intervalo.

Apesar de há tempos o brincar ser colocado como colaborador ativo na aprendizagem e desenvolvimento da criança, como nos pensamentos de Vygotsky (1896-1934) e Piaget (1896-1980), existe ainda uma certa negligência na forma de inserir o brincar no cotidiano da Educação Infantil. Essa modalidade acaba sendo vista apenas como o ensino mais simplificado de conteúdos escolares, o que não deve acontecer, pois toma o lugar de importância que deve ser dada às experiências.

Exemplificando o pensamento de Vygotsky, Pimentel (2007, p. 227) afirma que “se a criança não pode agir como um adulto, pode fazer de conta que o faz, criando situações imaginárias em que se comporta à semelhança do comportamento adulto”, o que só pode ser efetivado se existir a oportunidade para que essa criança desenvolva esse nível de imersão no mundo lúdico, de forma que não seja restringida a ela o direito de viver isso também, e principalmente, no ambiente escolar.

# Semana de Pedagogia e Encontro de Pesquisa em Educação de Maracaju

Para isso, é necessário que o profissional de educação tenha a capacidade de fazer a integração do lúdico com o cognitivo, que não será alcançada tratando o brincar apenas como uma ocupação do tempo ocioso, rigorosamente cronometrado, ou visto como uma transgressão às normas, conforme já dito. Por outro lado, é preciso que ele valorize a relevância dessa prática na progressão da aprendizagem da criança, uma vez que através dela é possível estimular muitos aprendizados necessários para o indivíduo que está se formando, além de trabalhar diversas áreas do conhecimento.

Com o aporte dessas reflexões, realizei meu Estágio Curricular Supervisionado II com uma turma do Grupo 2 em uma instituição pública, entre os meses de outubro e novembro de 2022.

A proposta da disciplina era a realização de uma sequência didática abordando um tema escolhido em parceria pela estagiária e a professora regente. De tal maneira, conversei com a professora regente da turma, que me deixou livre para realizar a atividade que eu me sentisse confortável. À vista disso, utilizei os dias de observação me familiarizando com as crianças, analisando a rotina da turma, os períodos em que eu aplicaria as atividades, onde eu aplicaria, e outros fatores que me levaram a fazer escolhas e elaborar o plano de atividades.

Priorizei a experiência e a brincadeira, foco principal da Educação Infantil na minha visão e na dos autores trazidos, associadas a um “tema” na atividade, apostando que é possível articular o brincar à conteúdos formais. Com esse pensamento, me propus a trabalhar com as formas geométricas, por saber como as crianças estão em constante contato com elas e por ser um assunto amplo que podemos utilizar várias coisas para trabalhá-lo, assim, formulei minha sequência didática me baseando no Referencial Curricular da Rede Municipal de Ensino – REME, de Campo Grande/MS.

Buscando alternativas para executar essa temática, surgiu a ideia de utilizar a massa de modelar como artifício, já que é algo que crianças de todas as idades gostam e tem facilidade de brincar. Contudo, não queria apenas trazê-la pronta para as crianças, por acreditar que produzir uma massinha com elas traria uma grande diversidade de experiências que não poderiam ser desperdiçadas. Portanto, confeccionei massinha com as crianças, dialogando sobre as características dos produtos e as etapas da produção. Em seguida, parti para a atividade das formas, onde entreguei a elas moldes em formatos geométricos para explorar e brincar junto com a massinha.

# Semana de Pedagogia e Encontro de Pesquisa em Educação de Maracaju

Durante a exploração, todas as crianças souberam manusear a massinha da forma que eu esperava, utilizando os moldes para fazerem impressões na massinha. No decorrer da brincadeira, pude apresentar diversas vezes os nomes dos formatos e elas sempre tentavam repetir para aprender os nomes.

Na atividade seguinte, realizei uma roda de contação de história com o livro “Formas”, da editora Carochinha, o qual não tem escrita, mas é um livro interativo que traz as formas geométricas em diferentes desenhos. Com ele, consegui apresentar várias formas geométricas diferentes e conhecer as associações das crianças, que amaram ver os desenhos que tinham no livro, sobretudo os desenhos em folha transparente que passavam de uma página para outra.

Em roda, brincamos de “O mestre mandou”, onde eu fui o “mestre” e pedi para que cada criança pegasse uma forma geométrica diferente. Para essa atividade utilizei um tabuleiro de encaixe feito de madeira, como ele traz um par de cada forma geométrica, fiquei com uma de cada em minhas mãos e as outras coloquei em uma mesinha, de forma que ficasse no alcance das crianças. Ao chamar o nome da criança, eu escolhia uma forma para ela pegar e mostrava falando o nome, então ela deveria encontrar a forma correspondente, pegar e me mostrar. Repetimos a brincadeira algumas vezes, cada vez com uma criança na função de “mestre”,

Sentadas em duplas, brincamos com quebra-cabeça de encaixe, figura forma geométrica. Dividi as peças para que a criança tivesse a oportunidade de explorar as formas e de encaixar as peças no seu tempo, sem interferência minha, onde apenas me sentei à mesa com eles para observar.

## **Considerações finais**

Esse estágio aconteceu no meu segundo ano de graduação e, com essa experiência, tive a oportunidade de fazer profundas reflexões acerca da Educação Infantil e a importância do brincar nessa fase. Por isso, minha intenção ao elaborar as atividades propostas era manter o foco na experiência e no brincar. Felizmente, atuei em uma instituição comprometida em garantir esses direitos às crianças, o que me deu a liberdade de deixar as crianças se comportarem como crianças, trazendo sua curiosidade e dinamicidade para as atividades, enriquecendo ainda mais nossos encontros.

Acredito ter conseguido aplicar a ideia de que é possível garantir os momentos de brincadeiras e de vivências, tão importantes na Educação Infantil, e ainda assim apresentar conhecimentos formais que serão necessários na caminhada escolar das crianças. Para tanto, foi

# Semana de Pedagogia e Encontro de Pesquisa em Educação de Maracaju

necessário um momento de estudo e compreensão sobre essa etapa da educação e suas peculiaridades.

Apesar de o estágio obrigatório ter suas limitações, no que diz respeito ao tempo de atuação com a turma e a liberdade de docência que temos, foi nítido que minha experiência foi muito enriquecedora e significativa para o meu processo de formação como futura Pedagoga. As atividades realizadas demonstraram que é viável integrar o lúdico ao cognitivo, desmistificando a ideia de que o brincar deve ser separado das práticas pedagógicas formais.

Em conclusão, é fundamental que os educadores estejam preparados e dispostos a valorizar e integrar essas práticas em suas rotinas pedagógicas, entendendo que, através do brincar, as crianças não só aprendem conteúdos formais, mas também desenvolvem habilidades sociais, emocionais e cognitivas que serão primordiais para sua formação como indivíduos. Em vista disso, a reflexão sobre as práticas e o currículo da Educação Infantil são cruciais para a atuação de um educador comprometido em garantir um desenvolvimento integral de suas crianças.

## Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 10 jul 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, 2010.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. A LDB e as instituições de educação infantil: desafios e perspectivas. **Revista Paulista de Educação Física**, [S. l.], n. supl.4, p. 07-14, 2001. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rpef/article/view/139589>. Acesso em: 19 jul 2024.

PIMENTEL, Alessandra. Vygotsky: uma abordagem histórico-cultural da educação infantil. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; KISHIMOTO, Tizuko Morchida; PINAZZA, Mônica Appezzato (Orgs.). **Pedagogia(s) da Infância: Dialogando com o Passado Construindo o Futuro**. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 219-248.